



A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE LEONEL BRIZOLA EM 1989 E O DISCO “O GRANDE PRESIDENTE”

LEONEL BRIZOLA'S 1989 PRESIDENCIAL CAMPAIGN AND THE ALBUM "THE GREAT PRESIDENT"

Gelson Teodoro De Souza Junior¹

Resumo

Neste artigo, analisa-se o modo como a campanha de Leonel Brizola utilizou-se do saudosismo varguista para tentar se constituir como representante do velho trabalhismo do antigo PTB. Com o uso de uma fonte primária musical como método, são estudadas algumas canções do LP “O Grande Presidente”, lançado 1989, buscando discutir os motivos e as razões de seu lançamento. O disco apresenta uma coletânea de canções que exaltam a figura do ex-presidente Getúlio Dornelles Vargas e foi usado no processo da construção de uma imagem projetada em Brizola como o legítimo e único herdeiro do legado trabalhista-varguista. Deste modo, procura-se entender o porquê de elas terem sido escolhidas para compor um disco que serviu como ferramenta para a campanha de Leonel de Moura Brizola, contextualizando a maneira como se deu o processo das eleições presidenciais ocorridas no ano de 1989, com acentuado foco na campanha do candidato do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Ainda, discute-se como o uso das músicas carrega grande importância na epistemologia histórica e como o trabalhismo está relacionado com o conceito de populismo. Como suporte, foram utilizados textos acadêmicos que discutem a questão política e conceitual sobre o período.

Palavras-Chave: Varguismo, Trabalhismo, Brizolismo. Populismo.

Abstract

In this article, we analyze the way in which Leonel Brizola's campaign used Vargas' nostalgia to try to constitute itself as a representative of the old labor of the former PTB. With the use of a primary musical source as a method, some songs from the LP "The Great President", released in 1989, are studied, seeking to discuss the motives and reasons for its release. The album presents a collection of songs that exalt the figure of former

¹ Graduando do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Lourdes M. C. Feitosa e do Prof^º Dr^º Roger M. M. Gomes.



president Getúlio Dornelles Vargas and was used in the process of building an image projected on Brizola as the legitimate and sole heir of the labor-Vargas legacy. In this way, we seek to understand why they were chosen to compose an album that served as a tool for Leonel de Moura Brizola's campaign, contextualizing the way in which the process of the presidential elections took place in 1989, with a strong focus on the campaign of the candidate of the Democratic Labor Party (PDT). It also discusses how the use of music carries great importance in historical epistemology and how laborism is related to the concept of populism. As support, academic texts that discuss the political and conceptual issues of the period were used.

Keywords: Varguismo, Laborismo, Brizolismo. Populism.

Abertura política e fundação do PDT

A campanha presidencial de 1989 foi a primeira desde a redemocratização que trouxe as votações em forma direta. Não mais reféns dos militares, os brasileiros iriam às urnas e às ruas para escolher um novo representante do executivo. Os presidenciáveis de vários partidos utilizaram das mais diversas formas de campanha, já que essa é uma das partes mais importantes do processo eleitoral brasileiro.

Neste artigo, pretende-se analisar a forma que a campanha de Leonel Brizola utilizou do saudosismo varguista para tentar se constituir como representante do velho trabalhismo do antigo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). É necessário dizer que Brizola queria trazer o trabalhismo do PTB da era varguista, aquele que foi extinto em 1965 através do AIT-02 de 27 de outubro, que modificou a constituição de 1946 e trouxe alterações dentro do que se relacionava às eleições do período da ditadura militar.

Com isso, em 1982, durante o período de abertura política e a volta dos partidos, ocorreu a primeira eleição direta para governadores, senadores, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores. A saber que, desde de 1965, o sufrágio para o cargo de Governador ocorria de forma indireta. Além disso, essa foi a primeira eleição após o fim do bipartidarismo. Segundo Pasquearelli:



Em 1982, o primeiro pleito contou com cinco partidos (PMDB, PDS, PDT, PTB e PT), e incluiu a escolha para o governo dos estados e suas respectivas Assembleias Legislativas, para o Congresso Nacional, e para as prefeituras e Câmaras Municipais, de maneira que o regime militar perdeu sua maioria absoluta na Câmara dos Deputados.

Logo, a democracia brasileira começou a dar seus primeiros passos para volta da estabilidade política. Anterior a esse momento temos a divisão entre a sobrinha-neta de Getúlio Vargas, Ivete Vargas, representante de um lado mais conservador dentro do PTB, e Leonel Brizola, que carregava o legado Varguista e representava a ala chamada de “Trabalhismo Democrático”. Ambos os lados travaram batalhas judiciais pela sigla. Como Brizola perdeu o partido começou a construir articulações para a construção do PDT (Partido Democrático Trabalhista). Interessante ressaltar que, segundo Trajano Sento-Sé (1999, p. 97), a perda do PTB foi o primeiro golpe sofrido por Brizola pós-exílio.

O PDT, fundado através de um encontro realizado em Portugal em 1979, está, desde seu documento mais importante, vinculado com os deveres da defesa da liberdade e da democracia, além de que já declarava na carta de Lisboa sua vontade em retornar ao protagonismo que possuía antes do golpe de 1964. Como apresentado na carta de Lisboa (1979):

(...) O grande desafio com que nós, trabalhistas, nos defrontamos hoje é o de nos situarmos no quadro político brasileiro para exercer o papel renovador que desempenhamos antes de 1964 e em razão do qual fomos proscritos. Com efeito, apesar de termos tido numerosas deficiências, não por ela que caímos. Fomos derrubados, isto sim, em virtude das bandeiras que levantamos. A velha classe dominante brasileira e os agentes internos do imperialismo, não nos podendo vencer pelo voto nos excluíram pelo golpe.

Esse excerto da carta de Lisboa mostra como o PDT nasce com a esperança de voltar a ter o protagonismo que teve desde da Revolução de 1930, quando Vargas, através de um golpe de Estado, tomou o poder. Desde então, o trabalhismo se constituiu como força dominante no cenário da política brasileira, e como o texto diz, embora cheio de deficiências, como o período do Estado Novo e a ditadura varguista, ressaltam que não saíram do poder por elas, o que é evidenciado quando pensamos que mesmo após o



período da ditadura varguista, Getúlio foi eleito democraticamente. A carta de Lisboa diz que foram derrubados por seus propósitos, como a luta anti-imperialista e as reformas de base do Jango. Ainda, fica clara a influência exercida pelos EUA. Como Moura (1988) diz, em seu livro Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana e sobre a cultura do Pan Americanismo. Os países do cone sul de forma geral chamavam atenção do Governo Rossevelt por serem um grande espaço de desenvolvimento do pensamento nazista nas Américas, além de que ainda mantinham relações com a Alemanha fornecendo alguns materiais.

Para continuar com a política de intervenção nos países, foi desenvolvido um programa que coordenava as relações entre os EUA e os países latinos. Importante ressaltar que o programa estava diretamente ligado ao departamento de defesa norte-americano, não sendo um simples esquema diplomático, mas sim um projeto de preparação para o caso de que houvesse a necessidade de uma intervenção armada. Segundo Moura (1988), por encontrar certa dificuldade em assimilar as multiculturas, o “Birô” (como era conhecido o programa) começou a trabalhar numa ideia de Pan Americanismo. Os países latinos eram em maioria ditaduras, e essa organização defendia a liberdade, a democracia e outros ideais republicanos.

A tal filosofia da “solidariedade hemisférica” tinha como visão vender os programas de ação na América Latina. Essa filosofia vinha com o propósito de acobertar e justificar este projeto. Moura enfatiza que havia nela o sentimento de não depender de uma identidade de regimes ou de um ideário político comum, dependiam só da aceitação ou adesão ao programa norte americano, ou seja, mesmo que o programa defendesse os ideais da democracia e da liberdade, não importava, bastando apenas que o país em questão aceitasse o programa em si. O EUA seria como a encarnação desse pensamento, o do controle acima de tudo. Dessa forma, a pauta em relação à luta anti-imperialista se dá no momento em que os trabalhistas se tornam um alvo, a exemplo do Presidente João Goulart, que foi tirado da presidência pelos militares apoiados pelos EUA. Como Canutti (2021, p 17) diz: “A ênfase para o envolvimento dos Estados Unidos buscou expor como os rumos políticos internos puderam ser manipulados para atenderem os interesses de um país altamente influente no contexto global”.



Por certo, podemos ver que os EUA trabalharam para suprimir os governos ditos trabalhistas e tiveram um papel ativo no Golpe militar de 1964, que consumou a retirada de João Goulart, amigo pessoal de Getúlio Vargas e presidente pelo PTB. Assim, podemos observar que a carta de Lisboa, quando apresenta que não foram capazes de tirar o protagonismo dos trabalhistas pelas campanhas, os retiram através do golpe militar.

A Populismo/Trabalhismo de Vargas

Dentro da campanha, para representar o antigo trabalhismo, embora baseados no documento de 1979 (Carta de Lisboa), que trazia a democracia como guia, adotou um plano de campanha que ainda estava muito firmado na figura e no governo de Vargas, ainda firmemente mantendo a esperança de volta ao jogo político, agora tendo Brizola como figura central e herdeiro legal, tanto dos governos de Vargas, como das reformas propostas por João Goulart. Para Batistella (2013):

No entanto, a Carta de Lisboa também revela algumas permanências no que tange ao antigo trabalhismo. Além da encampação das antigas bandeiras de luta (reformas de base e nacionalismo), também há uma presença do getulismo: “[...] continuaremos firmemente, sob a inspiração da Carta Testamento do presidente Getúlio Vargas, a caminhada junto ao povo que nos levará à emancipação da Pátria”

Agora falando sobre o “trabalhismo X populismo”, segundo os entrevistados do documentário - Trabalhadores do Brasil (2014), Getúlio Vargas apresentou um projeto de pensamento que ficou conhecido no Brasil como trabalhismo. Nem a velha política liberal entreguista e nem a velha esquerda, com seu comunismo. O trabalhismo se torna um discurso de cunho nacionalista, um discurso reformista e que acreditava no papel do estado em relação a industrialização. Na década de cinquenta, com o retorno democrático de Getúlio, o trabalhismo, em sua campanha reformista e de ações de base, prometeu uma maior adesão à CLT em relação aos trabalhadores do campo e ao aumento do salário-mínimo. Já o populismo, numa visão de esquerda, representava a massa trabalhadora sendo manipulada pelos lados políticos populistas e isso desviava o olhar do trabalhador

das causas reais, dificultando a emancipação dessa classe. Claramente, isso dizendo de forma simplificada.

Pelo viés de direita, por sua vez, têm-se o populismo servindo como forma de dizer que os políticos de antes do golpe de 1964 eram irresponsáveis. Não porque atendiam aos anseios do povo, mas porque o faziam de forma não viável. Existia ainda o "Líder populista", figura que não necessita de terceiros, um intermediário como os sindicatos, entre ele e a população. O termo ainda era usado como forma de desclassificar algum político, como foi feito com o João Goulart.

Sobre a análise crítica, ambos os espectros políticos tentam colocar o populismo como figura central da falha do governo, mas só demonstram que, na realidade, o populismo é o reflexo da falta de apoio que eles possuem. O populismo, nos dois sentidos, só pode crescer em ambientes que não sejam liderados por liberais e comunistas, já que no período estudado, todos os chefes de estado mantiveram um viés ideológico voltado ao trabalhismo e ao nacionalismo de Vargas. Jango foi Ministro de Getúlio, e manteve, trouxe e reforçou ainda mais as ações que tinham sido feitas pelo presidente, todas dentro do pretexto do que seria o Trabalhismo. Getúlio e Jango são representações de que podem ocorrer movimentos que não necessitam de organizações para que o governo possua o apoio da população e de outros setores.

Para dar ainda mais ênfase nessa vontade de representar o antigo trabalhismo, foi lançado pela campanha de Brizola de 1989 um LP com diversas músicas usadas para exaltar a figura do presidente Vargas. O disco, contém ainda relatos que mostram como a música é parte notória da nossa história e como ainda é utilizada para representar os grandes momentos do nosso Brasil. Além disso, nele também encontramos um depoimento de Brizola sobre a própria figura de Vargas:

Esse disco é uma página viva da história do nosso País. As músicas aqui gravadas mostram que houve um tempo da fraternidade entre o presidente e os brasileiros. Marcando carinhosamente em verso e melodias a imagem do



Presidente Vargas, os compositores populares refletiram esse estado de espírito nacional [...] Amigos que idealizaram e viabilizaram a produção deste disco - uma compacta e emocionante aula de história - convidaram-me para apresentá-lo. Não sendo eu um especialista em música, certamente o convite nasce da convicção de que tenho, na fase atual da vida brasileira, o compromisso de aprofundar e ampliar o ideário modernizador de Getúlio Vargas. (Leonel Brizola, no texto-capa do disco O Grande Presidente).

Brizola, nesse depoimento, fala da relação amistosa que os compositores populares tinham com a figura de Vargas. Faz menção ao estado de espírito nacional, que nos remete a como Getúlio utilizava as músicas e as marchas para propaganda política e dispunha do talento de artistas da base e dos ritmos da classe trabalhadora, como Beth Carvalho, com seu samba, e Nelson Rodrigues, com o jeito boêmio de cantar. Ele ainda trata o disco como uma aula de história, e esse é um ponto interessante de se notar, em vista da maneira que Brizola julga que as músicas nos ajudam a construir a história, portanto, através de um disco como tal, falando e trazendo melodias sobre uma figura tão emblemática, se constrói uma fonte inesgotável de pesquisas. Brizola poderia estar falando de outros tópicos, com a mesma fonte musical, porém, através dessa análise, ele se mostra como um político que se preocupa com a história nacional.

Para auxiliar no momento da discussão teórica e na construção do tema, estou trabalhando com autores especializados na área de história, como exemplo o João Trajano Sento-Sé, que publicou o Livro chamado “Brizolismo: estetização da política e carisma”. Além disso, uso ainda como apoio a tese de mestrado de Conrado Ferreira Arcoleze, com o título: “Fios da História: campanha presidencial de Leonel Brizola e o seu entrelaçar com o passado político do candidato pela imprensa”, entre outros títulos que trabalham em áreas relacionadas com o tema do projeto.

Evidentemente, há aqui um propósito em colaborar para a pesquisa historiográfica sobre o legado Vargasista e sua influência sobre Brizola, demonstrando como o conceito de trabalhismo se modificou com a chegada de novos pensadores e de um estado democrático no período de 1989 até 2021. Com isso, torna-se possível ajudar na construção de uma historiografia nova em relação ao uso de fontes musicais, empreendendo um estudo sobre a relação entre o Velho e Novo Trabalhismo Brasileiro.



Esses são os objetivos gerais do presente artigo, falando como objetivo específico a compreensão do uso do Disco O Grande Presidente na Campanha do Brizola em 1989.

Assim, foram escolhidas quatro músicas para o desenvolvimento do trabalho. A primeira sendo “Retrato do Velho” (Haroldo Lobo/Marino Pinto), a segunda “O Grande Presidente” (Padeirinho), seguida por “Doutor Getúlio” (Edu Lobo/Chico Buarque) e “Trabalhadores do Brasil” (Luiz Wanderley/Barbosa da Silva). As análises das músicas vão partir de alguns pontos, como intérprete, escritores, ano de composição e entre outros tópicos que vão ajudar a construir os objetivos do artigo.

Brizola como herdeiro de Vargas e a Eleição de 1989

Acima, procuro mostrar que, embora o PDT, em sua fundação e durante a campanha de 1989, tenha se mostrado representante de um novo trabalhismo, não deixou de lado os velhos modelos do antigo trabalhismo varguista. Dessa forma, Brizola usou da figura de Vargas para se colocar como representante desse legado. Como colocado por Conrado (2020):

Brizola procurava se posicionar, em 1989, como o verdadeiro herdeiro do legado trabalhista de Getúlio Vargas, a quem tinha como principal referência política. Embora não tenha trabalhado diretamente com o ex-presidente, o seu ingresso na vida política se deveu aos ideais defendidos por Vargas e o movimento queremista de 1945.

Com isso, ainda podemos observar que a vida política de Brizola tem relação fundamental com Getúlio. Devemos ainda lembrar que, além da política, Brizola e Getúlio eram ligados, de certa forma, por laços sentimentais, já que Getúlio foi padrinho do casamento de Brizola e Neusa Goulart (Irmã de Jango). As relações entre essas duas figuras históricas do trabalhismo brasileiro se construíram nos anos, sendo lógico que Brizola representasse as ideias do getulismo.

Como evidenciado, para analisar essa vontade de colocar Brizola como figura herdeira de Vargas e tentar trazer o saudosismo ao eleitorado, a campanha pedetista produziu um disco musical. Diferente dos outros artigos e textos trazidos como referência,



o presente artigo analisará o disco e as músicas nele publicados, uma vez que a fonte musical se expressa como uma fonte capaz de retratar o cotidiano, como escrito por Alarcon (2016, p.4):

Portanto, a música possibilita abrir caminhos, unir conceitos e ideias, ou seja, é possível proliferar aspectos culturais de determinado tema ao adequar a linguagem sonora de sua melodia com os fatos históricos. Sendo a Música uma linguagem culturalmente construída, ela caracteriza-se por ser um fenômeno histórico e cultural. Por meio dela é possível comunicar idéias, sentimentos e ações produzidos na sociedade. Sua importância relaciona-se ao fato de, como linguagem, pode produzir conhecimentos.

Por isso, torna-se a fonte escolhida um diferencial para trabalhar o tema. Resumidamente, deixo aqui a minha vontade de analisar as músicas e como a figura de Getúlio Vargas é mostrada através delas, abordando a maneira como se deu seu uso na campanha, qual foi sua recepção pelos eleitores, analisando as pesquisas de intenção de voto do ano de 1989 e o porquê dos Marqueteiros terem as escolhido.

Em relação às primeiras pesquisas de intenção de voto, “O Ibope divulgou a sua primeira pesquisa eleitoral em 1989 no final de março, destacando a polarização entre Brizola (17% das intenções de voto) e Lula (15%).” (FERREIRA, 2021, p.95), podemos observar que Brizola saiu na frente em relação às pesquisas de intenção de voto, mas ficou em terceiro lugar no pleito. O candidato do PDT ficou em primeiro lugar em estados como Rio de Janeiro e Santa Catarina. Como apresentado por Ferreira (2021, p. 135)

Conforme indicado nas pesquisas eleitorais, Collor foi o primeiro colocado com 32,47% dos votos, tendo vencido em 23 das 27 federações. Apesar de ter sido vitorioso apenas no Distrito Federal, Lula ficou em segundo com 16,69%, cerca de 450 mil votos a mais do que Brizola, que teve 16,04%.

Além da hegemonia de Lula, o PT sempre teve apoio das bases orgânicas dos movimentos sociais. A Central Única dos Trabalhadores foi responsável por organizar greves e passeatas a favor do candidato do PT. Dessa forma, embora Brizola tenha conseguido bons números durante a campanha, não conseguiu ir para o segundo turno. Ainda, é importante ressaltar que o cenário já demonstrava um empate técnico entre os



dois candidatos. A eleição estava bipolarizada, já que não havia um candidato conservador, mas dois de esquerda. Isso levou a direita a apostar em Fernando Collor que, naquele ano, levou a eleição. (MAZIERO, 2020, p.13).

Podemos então observar que, no final da campanha, Lula ultrapassou Brizola e foi para o segundo turno. As chamadas, os debates e as campanhas de ambos construíram um caminho democrático que separou os candidatos. Se analisarmos os dados apresentados por Maziero (2020), a diferença entre os dois, como apresentada no referencial, foi de menos de 500 mil votos. Isso demonstra que, por pouco, o candidato do PDT não seguiu para o segundo turno. Entretanto, Brizola demonstrava uma incredulidade com as pesquisas eleitorais, levando até mesmo uma certa desconfiança sobre o tema. Como apresentado por Ferreira (2021, p. 208)

Conforme publicou Ricardo Noblat, em sua coluna no JB, Brizola possuía a ideia fixa de que haveria uma fraude para tirá-lo do segundo turno e, por isso, suspeitava ainda mais das pesquisas eleitorais e desconfiava que possuiria mais do que seus atuais índices de intenção de votos.

Brizola apresentou essa desconfiança nos institutos de pesquisa. Uma desconfiança que claramente era infundada, já que os números apresentados nelas se mostraram reais no final das eleições do primeiro turno. Assim, usando esse pretexto, os adversários, tanto de direita como de esquerda, utilizaram essa situação para criticaram o candidato do PTD. Outro ponto que foi muito usado foi a administração do petista no estado fluminense. Os CIEPS e a política de segurança pública foram utilizados para desgastar a campanha. Muitos jornais da época, como O Globo e o JB, publicaram que a administração de Brizola foi a grande responsável pelo aumento do crime organizado no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2021).

Na campanha de 1989, até mesmo os autores de esquerda (Campo ideológico de Brizola) começaram a escrever artigos que mostravam a preocupação com a ascensão do candidato: “Intelectuais de esquerda ganhavam espaço para teorizarem que Brizola necessitava das massas desorganizadas (projeto populista) e que seu projeto abominava a ordem social” (FERREIRA, 2021, p. 211). Ou seja, podemos observar que até mesmo os



outros campos colocavam Brizola no mesmo núcleo que Vargas e Jango (Populistas), o que nos ajuda a compreender o uso de formas como a música para a construção de uma campanha Populista.

As músicas populares e o Trabalhismo

A música popular brasileira tem uma relação histórica com o populismo. Vargas utilizou das tecnologias musicais para “Os meios de comunicação de massa atuavam muito mais como elementos mediadores nas relações entre o Estado e as massas urbanas do que como estruturas geradoras de uma cultura massificada e integradora”. (ZAN, 2001, p.109). Podemos entender que o populismo, um movimento de massas, foi construído a partir do uso das músicas como forma de manipulação.

É possível observar que o samba foi uma das formas que levou o populismo a conseguir se conectar com as massas. O que nos leva a entender o que o transformou no símbolo nacional e o porquê de Vargas ter utilizado marchinhas e outros modelos de música para relacionar e trazer os populares para a base de seu governo. Na campanha de 1950, o jingle “retrato do velho” foi usado na campanha presidencial e reutilizado no disco O Grande Presidente na campanha de Brizola em 1989. Ou seja, o samba e as marchinhas marcam as eleições dos candidatos ditos populistas.

A Fonte Musical e o Disco O Grande Presidente

Antes disso, é importante ressaltar que a fonte, metaforicamente falando, é uma máquina do tempo para os historiadores. Com ela podemos observar e analisar o passado, conseguimos estudar sociedades que já não existem mais e as transformações naquelas que estamos inseridos. Dessa forma, as fontes históricas se tornam um instrumento de visão para o historiador construir o seu objeto de estudo (BARROS, 2020, p.02). Da mesma forma que os átomos e as partículas são a matéria prima de estudo para os



químicos, físicos e biólogos, as fontes são para o historiador. As fontes nem sempre foram tão amplas e aceitas pelos historiadores. Como apresentado por Cardoso e Mauad (1997):

Num período da historiografia quando a máxima seguida era “a história faz-se com textos”, aquela posição não teve maior impacto. No entanto, imbuídos deste caráter generalizador dos testemunhos, Marc Bloch e Lucien Febvre, os fundadores dos *Annales*, conclamaram em 1929 os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogro da lenda, “a carne humana” —2 em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quaisquer meios. Para os historiadores que ouviram o apelo de Bloch e Febvre, o texto ganha contornos mais amplos, incluindo toda a produção material e espiritual humana.

A produção historiográfica mudou com a chegada do pensamento da escola dos *Annales*. Com a posição de uma escrita mais ampla, Bloch trouxe um novo sentido na pesquisa da história com sua famosa frase (1949, p. 53) “Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”. Com essa frase a historiografia passou por uma revolução e, graças a ela e ao novo pensamento, foi possível que esse artigo fosse construído. Agora, não mais presos a uma história dos grandes personagens e dos documentos oficiais, a produção de um artigo cuja fonte é um LP Musical foi possível. Por isso, fazendo uso de uma fonte primária musical, como método irei estudar cada obra do LP de forma individual, buscando expressar os motivos e as razões de seu lançamento. Dessa forma, tenho como objetivo entender o porquê de elas terem sido escolhidas para compor um disco que serviu como ferramenta para a campanha de Brizola.

Barros (2020) apresenta as fontes como:

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história.



O LP “O grande presidente” se revela como um vestígio musical da campanha de 1989. Com ele, podemos observar bem mais que as manifestações presentes no disco, mas também, por exemplo, as particularidades da época. Por ser um disco de vinil podemos entender quem era o público alvo, sua produção, os músicos, a instrumentalização, entre outros aspectos que um disco pode carregar. Até mesmo como foi o envelhecimento do disco. Em relação à campanha, podemos buscar as origens dos recursos usados. Se foram públicos ou não, entre tantas outras possibilidades.

Bem como o fato de estudar não somente as letras é muito importante dentro de uma pesquisa sobre a música, cabe ao historiador deve estudar a música como um todo. Se fizer o estudo apenas da letra, estará construindo uma história da poesia cantada, como apresentado por Barros (2018, p.27) “*Se, como historiador, considero apenas a “letra” de uma música, estou elaborando uma História da poesia cantada, e não propriamente uma História da Música.*”. O conhecimento prévio sobre como a música “funciona” auxilia o historiador a produzir a música. Barros (2020) volta a esse tema e apresenta:

Para Barros (2020), o historiador ao analisar a fonte musical, deve conseguir compreender não somente as questões históricas, mas também como o campo musical funciona. Não devemos nos esquecer de que o estudo da música, como fonte, parte do pensamento de levarmos o conjunto completo para o debate e não somente uma parte. Ao analisarmos uma composição musical devemos nos atentar que o compositor dela não pensou em partes na hora de nos apresentar o produto final. Ele construiu o refrão, os arranjos, a melodia. O musicista criou as partituras pensando como cada instrumento irá participar e como essa participação vai afetar o sentimento do ouvinte. Os produtores dos diversos gêneros musicais pensaram em seus públicos na hora de produzirem um disco, pensaram na recepção que teriam. Sobre analisar a música como um todo Barros (2018) apresenta:

A análise de um fenômeno musical que se esgote no exame puro e simples de uma letra de música é incompleta, deixa escapar aspectos importantíssimos, contorna a possibilidade de entrever os usos da dimensão musical e das instâncias performáticas para encaminhamento de uma certa mensagem ou com vistas à possibilidade de provocar determinadas reações no público.



E para entender completamente a fonte musical e compreender a construção da campanha como um todo, usarei uma diversidade bibliográfica, como os textos: Fios da História: campanha presidencial de Leonel Brizola e o seu entrelaçar com o passado político do candidato pela imprensa, A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio, O trabalhismo Getulista-reformista do antigo PTB e O “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades de periódicos e de textos.

Ainda relacionado com o uso da fonte, irei expor quem são os cantores escolhidos, os ritmos e o estúdio de gravação responsável pelo disco. Em sua capa, buscarei expor os textos que transmitem uma mensagem de saudosismo em relação à figura de Vargas. Barros (2018) nos apresenta que a música é uma forma de construção histórica e com ela podemos até mesmo observar os estágios da tecnologia.

Barros expressa que somos capazes de escrever uma historiografia que se relaciona com a música de duas formas. Podemos construir a história da música e conseguimos também construir uma história através da música, e é nesse sentido que vou analisar cinco letras do LP “O grande presidente.

Análise das músicas

A primeira, que será analisada, é “Retrato do velho”, de autoria de Haroldo Lobo / Marino Pinto. Além da análise da música, é válido apresentar algumas informações sobre os artistas que estão envolvidos no seu processo de criação. Haroldo Lobo foi um compositor carioca, nascido em 1910, que através de sua carreira escreveu e compôs inúmeros sucessos. Marino Pinto foi um outro compositor carioca, o qual sempre demonstrou uma admiração pelo presidente Vargas e, com isso, se uniu a Haroldo para a composição, que viria à tona na forma de jingle para a campanha de Getúlio em 1950. Ela retrata um saudosismo também sobre os governos anteriores do Vargas. Faz uma referência a foto presidencial que seria colocada no mesmo lugar que fora tirada. Com isso, trazer uma música com esse significado de saudosismo, ressalta o motivo do uso do Disco na campanha. O sambinha ficou bem famoso na década de cinquenta, levando as



peessoas aos bailes cariocas. No disco, quem cantou a música foi a cantora Beth Carvalho, que faleceu em 2019.

“Bota o retrato do velho outra vez	Eu já botei o meu
Bota no mesmo lugar	E tu não vais botar
Bota o retrato do velho outra vez	Eu já enfeitei o meu
Bota no mesmo lugar	E tu não vais enfeitar
O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar	O sorriso do velhinho faz a gente se animar
O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar	O sorriso do velhinho faz a gente se animar”

A segunda música é “O Grande Presidente”, do Sambista Jamelão e do Padeirinho. Essa faz uma espécie de canção histórica sobre Vargas, sendo composta em 1956, para o samba enredo "Exaltação à Getúlio Vargas - Emancipação nacional", da escola Primeira De Mangueira. Por se tratar de uma letra de um enredo de samba, deve se atentar aos objetivos e aos resultados da escola. Neste ano, a escola fez uma homenagem pós morte ao presidente. Essa canção tem grande potencial de ser usada em sala de aula, como auxílio no momento de explicar sobre a era Vargas e o patrimônio que é o carnaval. Como foi uma música que está presente no meio dos sambistas, sua alocação no álbum de 1989 faz sentido, já que tivemos a participação de Beth Carvalho. A música é como uma bibliografia de Getúlio, apresentando sua carreira no meio da política brasileira.

“No ano de 1883	E do ano de 1930 pra cá
No dia 19 de abril	Foi ele o presidente mais popular
Nascia Getúlio Dorneles Vargas	Sempre em contato com o povo
Que mais tarde seria o governo do nosso brasil	Construindo um brasil novo
Ele foi eleito a deputado	Trabalhando sem cessar
Para defender as causas do nosso país	Como prova em volta redonda a cidade do aço
E na revolução de 30 ele aqui chegava	Existe a grande siderúrgica nacional
Como substituto de Washington Luiz	



Que tem o seu nome elevado no grande
espaço

Na sua evolução industrial

Candeias a cidade petroleira

Trabalha para o progresso fabril

Orgulho da indústria brasileira

Na história do petróleo do Brasil

Ô ô

Salve o estadista idealista e realizador

Getúlio Vargas

O grande presidente de valor

Ô ô”

A terceira tratar-se-ia de “Doutor Getúlio”, desenvolvida por Edu Lobo e Chico Buarque. É interessante, sobre sua análise, entender o conceito de liberal que os artistas trazem à figura de Vargas, além de também ressaltar como a música aborda os interesses internacionais, por exemplo, os EUA. A mensagem de “chefe mais amado” da nação que a letra traz é o resultado de uma visão que os getulistas tem sobre a popularidade do “GG”. Além disso, a letra faz referências sobre as conquistas que os governos Vargas tiveram.

“Foi o chefe mais amado da nação

Desde o sucesso da revolução

Liderando os liberais

Foi o pai dos mais humildes brasileiros

Lutando contra grupos financeiros

E altos interesses internacionais

Deu início a um tempo de
transformações

Guiado pelo anseio de justiça

E de liberdade social

E depois de compelido a se afastar

Voltou pelos braços do povo

Em campanha triunfal

Abram alas que Gegê vai passar

Olha a evolução da história

Abram alas pra Gegê desfilar

Na memória popular

Foi o chefe mais amado da nação

A nós ele entregou seu coração

Que não largaremos mais

Não, pois nossos corações hão de ser
nossos

A terra, o nosso sangue, os nossos poços

O petróleo é nosso, os nossos carnavais

Sim, puniu os traidores com o perdão

E encheu de brios todo o nosso povo

Povo que a ninguém será servil

E partindo nos deixou uma lição

A Pátria, afinal, ficar livre

Ou morrer pelo Brasil

Abram alas que Gegê vai passar

Olha a evolução da história

Abram alas pra Gegê desfilar



Na memória popular”

A quarta letra que foi analisada é “Trabalhadores Do Brasil”, de Luiz Wanderley e Barbosa Da Silva. É válido notar como a obra também se trata de uma letra póstuma, publicada em 1960, quatro anos após a morte de Vargas. A inauguração de Brasília, a herança da economia do JK, entre outros tópicos sociais, marcam a letra com forte teor político-social. Eles ressaltam o carinho que a classe operária tem pelo “Gegê” e a falta que os alimentos básicos proporcionam na sociedade. A questão do suicídio de Vargas, e o fato dele ter atrasado o golpe militar, aparecem na música quando vemos a letra dizer que ele derramou sangue por nós. Dentro do contexto eleitoral de 1989, podemos destacar o papel dessa música como forma de construir um paralelo econômico deixado pelos militares após o “boom” do crescimento econômico.

Trabalhadores do Brasil.

Ta faltando, leite e não tem feijão. 2x

Jamais o Nome do Velhinho.

Será esquecido perante.

Nosso povo hoje em dia.

O operariado da nossa pátria.

Ta passando privação.

O Dinheiro que ganha.

Eu não aguento mais a situação.

Não da pra dispeza.

Está faltando, carne ta faltando pão.

Nem comprar um quilo de feijão.

Ta faltando, leite e não tem feijão. 2x.

Todo mundo vivendo na base do agrião.

Ta faltando, carne ta faltando pão.

Trabalhadores do Brasil.

Ta faltando, leite e não tem feijão. 2x

Vocês agora não tem pai.

Repete tudo.

O homem que lutou por vocês.

Que derramos seu sangue por vocês.

Ta faltando, carne ta faltando pão.

Foi embora e não volta nunca mais.

Ta faltando, leite e não tem feijão. 5

Ta faltando, carne ta faltando pão.

Considerações finais



As análises presentes aqui mostram que as músicas escolhidas pela campanha trazem um sentimento de grande saudosismo sobre a figura de Vargas. Quando voltamos e entendemos que Brizola se colocava como herdeiro de Getúlio, podemos destacar então o uso dessas músicas como forma de trazer o legado Varguista de volta à tona. A campanha de 1989 se mostrou muito imponte para o retorno do protagonismo trabalhista. Mesmo tendo construído uma boa bancada de deputados e outros cargos no legislativo e no governo do Rio de Janeiro, em 1982, o PDT mostrou que seu objetivo era o cargo mais alto no executivo. A campanha de Brizola demonstrou que conhece o povo e as pessoas que já possuíam um certo saudosismo sobre a figura de Vargas, já que o LP possui outras músicas, que por objetivo, não foram trabalhadas no artigo.

As informações que foram levantadas em relação à pesquisa estão relacionadas principalmente com a fonte musical. Como se trata de um disco de LP, da década de noventa, foi preciso uma busca em sites para que fosse possível sua compra, ainda levando em consideração a dificuldade de encontrar um que apresentasse bom estado de conservação e ainda estivesse dentro dos parâmetros financeiros do pesquisador. Com o disco em mãos, consegui escutá-lo em uma máquina *Toca-discos*, o que proporcionou uma análise mais fidedigna do estado do disco, além de que o historiador, ao analisar as músicas, devem também analisar a melodias e as outras partes do documento. Foi feita uma busca bibliográfica de artigos e autores que tratam do tema da pesquisa. Deixando claro que é um assunto que possui uma vasta gama de pesquisas, mas nenhuma que utilize como fonte a música e que venha trazer um debate sobre o uso do disco “O Grande Presidente”.

Dessa forma, é possível concluir que o uso de fontes musicais para a pesquisa de história é de extrema importância, porque com elas o artigo foi construído e foram levantados inúmeros pontos sobre a história do PDT, dos termos trabalhismo e populismo e da nossa compreensão da política nacional.

FONTE

CARVALHO, Beth; NOGUEIRA, João. **O Grande Presidente**. Polygram, 1989.



REFERÊNCIAS

ALARCON, Eliane Bacelar. A MÚSICA BRASILEIRA COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO SOBRE A DITADURA MILITAR PARA ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. **CADERNO PDE**, [s. l.], v. 1, 8 abr. 2016.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, 2020. DOI 2179-2143. Disponível em: 03-26. Acesso em: 5 nov. 2022.

BARROS, José D'Assunção. HISTÓRIA E MÚSICA Considerações sobre suas possibilidades de interação. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 58, p. 25-39, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-2>. Disponível em: Livrosproartigo/MusicaFonteJosedeassunçãobarros.pdf. Acesso em: 5 nov. 2022.

BATISTELLA, Alessandro. O trabalhismo Getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. **Aedos**, [s. l.], v. 5, n. 12, p. 116-132, 8 abr. 2013.

BLOCH, March. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio De Janeiro: ZAHAR, 2017. 159 p. ISBN 978-85-7110-609-3.

CANUTTI, Sabrina Daudt Antoniazzi. **A Influência dos Estados Unidos no Golpe Militar Brasileiro de 1964**. Orientador: Ismara Izepe de Souza. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Universidade De São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/63088/Sabrina%20Daudt%20Antoniazzi%20Canutti.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2022.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. HISTÓRIA E IMAGEM: Os EXEMPLOS DA FOTOGRAFIA E DO CINEMA. **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**, Rio De Janeiro, ed. 5ª Edição, p. 569-590, 1997.

FERREIRA, Conrado. **Fios da História: campanha presidencial de Leonel Brizola e o seu entrelaçar com o passado político do candidato pela imprensa**. Orientador: Áureo Busetto, Nº De págs: 240. História, Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

MAZIERO, Arthur Fachini. VOZ ATIVA, DESTINO ESCOLHIDO: AS ELEIÇÕES DE 1989. **XV Encontro estadual de História ANPUH RS: História e resitencias**, Passo Fundo, 2020. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS (15: 2020: Passo Fundo, RS).

MOISÉS, José Alvaro et al. **1964: Reportagem Especial - 50 Anos Golpe - Trabalhadores do Brasil**. UNIVESP TV. São Paulo: Univesp TV. Acesso em: 25 set. 2022., 2014



MOREIRA, Huerth; MACHADO, Matheus Ferreira. A música como fonte de pesquisa no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos em Florianópolis: desafios e possibilidades. *Polyphonia*, [s. l.], v. 29, 18 maio de 2018.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. ISBN 85-11-02091-8.

PASQUARELLI, Bruno. Redemocratização e partidos políticos no Brasil e no Chile: incentivos institucionais, sistema partidário e processo decisório 1. *Teoria e Pesquisa*, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 65-95, 2016. DOI 25306. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/tp.25306>. Acesso em: 28 out. 2022.

PDT (Portugal). Carta de Lisboa. 1979. **Carta De Lisboa**, Lisboa, 1979. Disponível em: <https://www.pdt.org.br/index.php/carta-de-lisboa-marco-do-trabalhismo-na-redemocratizacao-do-brasil/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

SCHNEIDER MARQUES, Teresa Cristina; GONÇALVES, Leandro Pereira. A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio. *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 399-416, 6 jul. 2016.

SENTO-SÉ, João Trajano. **BRIZOLISMO: ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA E CARISM A**. 1. ed. Rio De Janeiro: FGV, 1999. 365 p. v. 1. ISBN 85-225-0286-2.

ZAN, José Roberto. **MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, INDÚSTRIA CULTURAL E IDENTIDADE**. *EccoS Rev. Cient.*, São Paulo, v. 3, ed. 1, p. 105-122, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/viewFile/249/244>. Acesso em: 29 out. 2022.